

UM OLHAR SOBRE AS DISCUSSÕES A CERCA DA POSSÍVEL “CONDIÇÃO PÓS-MODERNA”

Carla Holanda da Silva¹
Ideni Terezinha Antonello²

RESUMO: O presente texto tem como intento desenvolver um debate a respeito da possível “condição pós-moderna” que vem sendo amplamente discutida nas ciências humanas. O mesmo está pautado em enfoques diferenciados levantados por diversos teóricos, em sua maioria geógrafos, internacionais e nacionais. De modo que seja possível estabelecer um parâmetro das idéias de alguns teóricos nacionais em torno da modernidade e pós-modernidade. Pretende proporcionar uma reflexão da presente temática, de forma que possa auxiliar o estudo do espaço e da reestruturação espacial, fruto da nova dinâmica do capital.

Palavras-chave: crise da modernidade, “condição pós-moderna”, acumulação flexível do capital.

A GLANCE ON THE DISCUSSIONS THE ABOUT OF THE POSSIBLE “POST-MODERN CONDITION”

ABSTRACT: The present text has as project uncoils a debate regarding that possible "post-modern condition" that comes being widely argued in the sciences human beings. The same is ruled in differentiated approaches raised for diverse theoreticians, in its majority geographers, international and national. So that, has been possible to establish a parameter of the ideas of some national theoreticians around modernity and post-modernity This study intends to provide a reflection of the thematic present, so that it can aid the study of the space and of the restructuring space fruit of the new dynamics of the capital.

Keywords: crisis of the modernity, “post-modern condition”, flexible accumulation the capital.

INTRODUÇÃO

No discorrer deste artigo pretende-se apresentar como se encontra abordada a possível “condição pós-moderna”, a qual é fruto das transformações processadas no bojo do modo de produção capitalista, na busca de sua própria continuidade, na atualidade. A principal marca desse processo constitui-se na passagem de uma produção capitalista “fordista”, baseada em economia de escala para uma produção “toytizada”, alicerçada em economia de acumulação flexível. Segundo Harvey a acumulação flexível se constitui em:

[...] um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos

¹ Aluna do curso de mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: carlalpur@bol.com.br

² Professora Adjunta do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: antonello@uel.br

produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto em setores como em regiões geográficas (HARVEY, 1992, p. 140).

Observa-se nas palavras de Harvey a força das transformações colocadas em movimento com o surgimento do sistema de acumulação flexível do capital, o qual se inicia nas décadas de 1970 e 1980, proporcionando “um conturbado período de reestruturação econômica e de ajustamento social e político” (HARVEY, 1992, p. 140). É exatamente o resultado desse atribulado período que se ocupa nesse texto, com a finalidade de contextualizar e abarcar as diferentes abordagens sobre a questão pós-moderna. O momento atual é denominado por alguns teóricos de condição pós-moderna. Contudo, ressalta-se que se refere como “possível” em função da celeuma existente em torno da sua existência e, particularmente, para enfatizar a presença dessa discussão.

Para atingir o intuito desse trabalho realizou-se a análise do processo histórico da formação desta possível “condição pós-moderna”, desde sua gênese ao seu desenvolvimento, o qual proporcionou o desencadear desta condição na contemporaneidade.

Tal análise pautou-se em teóricos nacionais e internacionais que se dedicam a essa temática, na busca de apreender as suas posições e abordagens sobre a problemática pós-moderna.

A QUESTÃO PÓS-MODERNA E SEUS DIVERSIFICADOS ENFOQUES

De acordo com Anderson, a idéia de pós-modernidade foi referenciada “pela primeira vez no mundo hispânico na década de 30, uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra ou nos Estados Unidos” (ANDERSON, 1999, p. 22).

Entretanto, essa possível condição pós-moderna ou contemporânea passa a ser uma temática mais presente nas discussões teóricas do pensamento científico a partir de meados da década de 50, na qual foi demonstrada inicialmente uma possível transição da modernidade para a pós-modernidade.

O “pós-modernismo” nasce nas artes, pois “A ligação primordial do termo foi desde então com as formas mais novas do espaço construído” (ANDERSON, 1999, p. 30). No entanto, essa discussão desenvolveu-se com um certo receio, estando na sua terminologia a primeira divergência, pois alguns termos, como pós-industrial e pós-

modernismo, são utilizados para fazer menção à condição contemporânea, porém o termo pós-modernidade adquiriu relevância.

A primeira obra filosófica a respeito da presente temática, foi publicada em 1979 em Paris por Jean-François Lyotard, a mesma foi denominada de “A condição Pós-Moderna”. Essa obra foi inspirada nos debates sobre o tema, realizados no campo das artes, porém o seu enfoque se diferenciou no sentido que “No título e no tema, a condição pós-moderna foi à primeira obra a tratar a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana” (ANDERSON, 1999, p. 33).

No decorrer dos debates a temática pós-moderna foi vinculada às questões como a industrialização, a pós-industrialização e a conseqüente transformação na sociedade, tanto no campo das relações e forças produtivas quanto no modo de pensar e agir do indivíduo.

Desse contexto, Santos (1980) caracteriza a pós-modernidade como:

[...] o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde de 1950, quando por convenção se encerra o modernismo. [...] Cresce ao entrar para a filosofia, durante os anos 70 [...] sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural (SANTOS, 1980, *apud* HAESBAERT, 2002, p. 36).

Conforme Santos (1980) essa mudança materializa-se na saída de evidência de termos como: energia, máquina e proletariado, passando a adquirir enfoque termos como consumo e informação. Entretanto, sabe-se que o pós-modernismo não pode ser conceituado como uma abordagem definitiva, pois constantes são as discussões em relação às instabilidades que norteiam a sua definição e a sua designação.

Conforme Taschner “pós-modernidade aparece ora como um momento que sucede a modernidade, ora como um momento que se contrapõe a ela [...], o que evidentemente implica em significados distintos” (TASCHNER, 1999, p. 6). Existem teóricos que apontam sua inexistência como “condição pós-moderna”, entendendo que esse período denominado por tantos como pós-modernismo, não passa de um modernismo avançado ou “ultramodernismo”.

A temática pós-moderna mesmo diante de suas instabilidades, vem sendo amplamente discutida pelas mais diversas áreas do saber. De modo que essas discussões resultam em análises com enfoques diferenciados. Tais como os culturais, políticos, econômicos, sociais e espaciais.

Salienta-se que as concepções iniciais desses estudiosos partem de um pressuposto comum, a crise da modernidade, que em síntese, consiste na situação de que o

paradigma dominante da ciência moderna não proporciona mais bases teóricas que possam apreender essa possível “condição pós-moderna”, ou seja, a realidade contemporânea. Particularmente, em função da reestruturação organizativa da base produtiva capitalista com o surgimento de uma acumulação flexível do capital. Tal processo atinge diretamente a organização sócio-espacial. Por conseguinte, destaca-se a preocupação dos geógrafos na busca de procurarem contextualizarem as mudanças ocorridas nas sociedades e no espaço, de modo de tornar passível de entender-se a dinâmica contemporânea.

Harvey é um dos geógrafos que enfoca a pós-modernidade em sua obra “Condição Pós-Moderna”. Na mesma o autor expõe que as mudanças que se assisti estão vinculadas à presença de uma acumulação mais flexível do capital e a “um novo ciclo de compressão do tempo-espaço na organização do capitalismo” (HARVEY, 1992, p. 8).

O autor, citado acima, se pauta em Rabam (1974), para afirmar que realmente após 1970 a vida urbana, o cotidiano e as artes sofreram algumas mudanças, porém não se pode afirmar inicialmente que essas características componham uma cultura pós-moderna. Nesse sentido, Harvey (1992, p. 65) destaca que a pós-modernidade não deve ser enfocada “como uma corrente artística autônoma [...] mas sim como transformações no cotidiano que estão inseridas em uma dinâmica social política e econômica, sendo o cotidiano [...] uma de suas características mais patentes e claras”. Pois, “devemos sem duvida dar considerável atenção às forças sociais que produzem tal condição” (HARVEY, 1992, p. 113).

Assim, o autor trava uma discussão ressaltando que a pós-modernidade não está alienada do processo político econômico, como alguns teóricos colocam, mas caminha de maneira conjunta com as demais transformações. Nas palavras de Harvey “O pós-modernismo também deve ser considerado como algo que imita as práticas sociais, econômicas e políticas da sociedade. Mas por imitar facetas distintas dessas práticas apresenta-se com aparências bem variadas” (HARVEY, 1992, p. 109). Essa variedade e/ou pluralidade que dá o caráter radical, contraditório e incerto comum a pós-modernidade.

Contudo, Harvey ressalta que: “há mais continuidade do que diferenças entre a ampla história da modernidade e o movimento denominado de pós-modernidade” (HARVEY, 1992, p. 111). Tal constatação pauta-se no fato da pós-modernidade apresentar alguns pontos que já eram presentes no modernismo, como as contradições sociais e o permanente movimento de mudança.

Na abordagem de Harvey (1992) ganha destaque à cultura, que sob essa possível nova condição, proporciona uma aproximação da cultura popular a alta cultura nas obras de arte, bem como a presença marcante da cultura de massa impulsionada pelo

consumismo. Essa última cultura exclusivamente destinada ao mercado. A rendição da cultura ao mercado pode ser vista como uma necessidade de adaptação à fase contemporânea do capitalismo, na qual tudo tem como destino o mercado, ou seja, tudo se torna passível de se transformar em mercadoria.

Pode-se a partir da televisão ter-se um apanhado das características da pós-modernidade, posto que demonstra “um apego antes às superfícies do que as raízes, à colagem em vez do trabalho em profundidade, as imagens citadas superpostas e não as superfícies trabalhadas, a um sentido de tempo e espaço decaído em lugar do artefato cultural solidamente realizado” (HARVEY, 1992, p. 63).

Entretanto, o autor salienta que não é válido diante desses apontamentos:

[...] cair necessariamente num determinismo tecnológico simplista do tipo a televisão gerou a pós-modernidade. Porque a televisão é ela mesma um produto do capitalismo avançado e, como tal, tem de ser vista no contexto da promoção de uma cultura do consumismo. (HARVEY, 1992, p. 63).

Nesse contexto, Harvey (1992) coloca como uma das características mais relevantes da possível “condição pós-moderna” a “compressão tempo - espaço”. Pois, com a passagem do “fordismo” para acumulação flexível houve uma aceleração no giro de tempo, que implicou na estrutura produtiva, conseqüentemente, nos diversos setores da sociedade, materializando-se no espaço. Um exemplo dessa materialização é o mercado financeiro, que é regido pelo efêmero, pelo descartável, pela artificialidade. Assim, “A efemeridade e a comunicabilidade instantânea no espaço tornam-se virtudes a ser exploradas e apropriadas pelos capitalistas para os seus próprios fins” (HARVEY, 1992, p. 260).

De modo que, os limites geográficos sejam abolidos e reatados a todo o momento, dependendo exclusivamente do interesse do capital flexível. Todavia, apesar do espaço ter sido relativamente diminuído devido às facilidades de comunicação, satélites, etc, o mesmo tem-se caracterizado como um instrumento primordial dentro do sistema vigente. Haja vista que é dono de uma grande mobilidade essencial para a dinâmica capitalista da contemporaneidade. Um exemplo dessa mobilidade resultante da compressão espaço-temporal é o fato de ter havido uma inversão de valores com relação à comercialização de alimentos, pois os alimentos de grandes marcas internacionais passaram a estar presentes nos mais diversos lugares do mundo e, os alimentos nativos; típicos; passaram a ser comercializado com iguarias, com preços muito mais elevados que os anteriores. Sob o aspecto da acumulação flexível do capital vê-se esta pluralidade de culturas num mesmo local como uma espécie de transformação da cultura em mercadoria.

No entanto, Harvey (1992) destaca que todo esse contexto de efemeridade, fragmentação, queda ou não de barreiras, que envolve a compressão espaço-temporal, deve ser observada com muito cuidado, pois pode implicar também em uma série de problemas geopolíticos. Todas essas características acentuaram-se após 1970, ou seja, correspondendo ao período que se acentuaram as discussões a respeito da pós-modernidade.

Outro teórico relevante que desenvolve o debate sobre a temática é Soja (1993) em sua obra "Geografia pós-moderna: a reafirmação da teoria social crítica". Tal como Harvey (1992) Soja (1993) mantém o seu debate em torno da pós-modernidade, pautado na defesa de uma nova fase contemporânea do capital, na qual a sociedade capitalista encontra-se extremamente flexíveis.

Soja considera que "o período atual como outra reestruturação ampla e profunda da modernidade e, não como uma ruptura completa e uma substituição de todo o pensamento progressista pós-iluminismo" (SOJA, 1993, p. 12).

A partir da discussão a respeito da pós-modernidade Soja deixa claro o seu desejo de introduzir a dimensão espacial na mesma, no momento que busca certificar-se "de que esse projeto como quer que venha a se configurar, seja conscientemente espacializado desde o começo" (SOJA, 1993, p. 12). De maneira que se estruture "uma nova geografia humana crítica, um materialismo histórico e geográfico sintonizado com os desafios políticos e teóricos contemporâneos" (SOJA, 1993, p. 13). A defesa do autor é que o espaço deve voltar a estar no cerne das discussões da teoria social crítica, não se caracterizando como algo menor que a questão temporal, mas sim simultâneo.

Nessa perspectiva Soja (1993) coloca em questão a condição do espaço na teoria social crítica, isto é, defende uma reconstrução desse espaço socialmente produzido na teoria social, proporcionando o surgimento da teoria social crítica pós-moderna. O maior reconhecimento do espaço atribuído por Soja, deve-se ao fato de que é sobre essa esfera, o espaço, que as transformações em seus diferentes âmbitos se concretizam. Haja vista que é nessa dimensão que os diferentes processos do capital se interagem com a sociedade, na qual a própria vida humana se materializa. Subtende-se o espaço como um produto social, no qual estão presentes ações e relações sociais. Segundo Soja: "Uma geografia humana nitidamente pós-moderna e crítica vem tomando forma, reafirmando impetuosamente a importância interpretativa do espaço nos confins historicamente privilegiados do pensamento crítico contemporâneo" (SOJA, 1993, p. 18).

Dessa forma o autor propõe uma dialética tríplice entre espaço, tempo e ser social para compreender a dinâmica dessas mudanças, na defesa de um método

denominado de “materialismo histórico e geográfico”. Portanto, Soja analisa a pós-modernidade, mais precisamente a teoria social crítica pós-moderna, como um reconhecimento da espacialidade que reflete em um equilíbrio entre tempo e espaço, na teoria social crítica. Por conseguinte, pauta-se na busca de apreender essa “reestruturação profunda” que vem se desenvolvendo na atualidade que o leva a defender as geografias pós-modernas.

Geógrafos como Soja (1993) e Harvey (1992) entre outros filósofos e teóricos, em muito contribuíram para uma discussão da questão pós-moderna entre os geógrafos brasileiros. Resultando em numerosas publicações a respeito do assunto. Essa relevante discussão entre os geógrafos nacionais pauta-se em enfoques diferenciados.

Nesse sentido, buscou-se capturar as discussões realizadas por alguns geógrafos em torno dessa temática e, observou-se que a questão pós-moderna ao ser analisada como uma nova temporalidade histórica pauta-se em concepções próximas que resultam em enfoques diferenciados. De maneira que, os geógrafos brasileiros partem da premissa inicial, crise da modernidade, para abordarem distintas temáticas que permeiam a questão pós-moderna.

Essas discussões foram sistematizadas para apreender as propostas desenvolvidas pelos geógrafos nacionais. As quais podem ser observadas no Quadro 1.

As análises de Moreira (1997) realizadas no seu artigo “Pós-modernidade e o Mundo Globalizado do Trabalho”, se desenvolvem a partir da categoria trabalho. O autor volta-se para as transformações ocorridas na estrutura capitalista sob as duas condições, ou seja, relaciona o industrial à modernidade e o pós-industrial a pós-modernidade, ressaltando as características das mesmas. Ruy Moreira apreende a modernidade como uma nova forma de percepção, que se inicia na arte e chega à manufatura. Coloca que a modernidade constitui-se em um período, no qual a regulação rígida e o controle predominam na economia o que acaba por refletir em outros setores da sociedade. Dessa maneira passa-se a não existir “percepção do tempo senão através do espaço. De modo que criar uma nova noção de tempo supunha assim criar uma nova forma de percepção de espaço” (MOREIRA, 1997, p. 51).

O ponto interessante de sua análise encontra-se na afirmação que a pós-modernidade “É controle e porta de fuga”, isto é, ao mesmo tempo, que se mostra como condição que reflete a instabilidade, apresenta mecanismos de controle e regulação. A mesma tem como base o capital flexível, que mesmo dentro dessa nova ótica continua exercendo o controle e a regulação sob a sociedade, pois “Em sua evolução, o capitalismo tornara-se um sistema contraditoriamente um só tempo fluído e rígido” (MOREIRA, 1997, p.

55). Elucida este contraponto com o exemplo da televisão, pois ao mesmo tempo em que fascina com seus cenários pós-modernos passa mediante seus comerciais o controle ditando regras, costumes, modas, etc. Nas palavras do autor “Nela se revela a própria ambigüidade pós-moderna: é controle e porta de fuga” (MOREIRA, 1997, p. 56).

Autor e título da obra	Modernidade	Pós-modernidade
MOREIRA, Ruy Pós-modernidade e o mundo globalizado do trabalho (1997)	<ul style="list-style-type: none"> - Uma nova forma de percepção - Mudanças nas relações de produção - Regulação rígida - Controle e regulação - Período industrial 	<ul style="list-style-type: none"> - “É controle e porta de fuga” - Regulação flexível - Controle e regulação - Período pós-industrial
LEMONS, Amália I. G. de Geografia da modernidade e geografia da pós-modernidade (1999)	<ul style="list-style-type: none"> - Progresso como forma concreta de modernidade - Capitalismo materialização da modernidade - Universalismo 	<ul style="list-style-type: none"> - Sociedade pós-industrial - Ciência como prática social de conhecimento - Aumento das particularidades
SALVI, Rosana A Questão pós-moderna e a geografia (2000)	<ul style="list-style-type: none"> - Sociedade técnica - Ciência universal - Internacionalização dos espaços mundiais - Padronização temporal 	<ul style="list-style-type: none"> - Condição Histórica - Mudanças na cultura - Rejeita o modernismo como um dogma estreito - Anti-moderno e eclético, mas retorna as tradições
GOMES, Paulo César da Costa Geografia e modernidade (1996)	<ul style="list-style-type: none"> - Universalidade da razão - Caráter de ruptura - Impõe o novo - Alcançar a totalidade - Razão <i>versus</i> emoção 	<ul style="list-style-type: none"> - Nega o universalismo e a generalização - Nega a razão como inspiração - Valorização das particularidades - Questiona o poder hegemônico da ciência

Quadro 1 - Enfoque dos geógrafos brasileiros sobre a modernidade e pós-modernidade. Fonte: Silva (2003).

Entre os estudos de Moreira (1997) e Soja (1993), observa-se pontos de convergência, pois os dois autores colocam em suas análises algumas características do capitalismo tardio e/ou pós-industrial para ilustrar a pós-modernidade. Além da categoria espaço que está presente na abordagem dos dois teóricos. Em Soja (1993) de maneira mais explícita, quando defende a espacialidade, e em Moreira (1997) o espaço se faz presente quando discute a categoria trabalho e suas relações na atualidade, as quais se materializam no espaço socialmente produzido.

A geógrafa Lemos (1999) se dedica a essa discussão no seu texto “Geografia da Modernidade e da Pós-modernidade”, no qual relaciona a modernidade ao progresso capitalista, colocando o capitalismo como a própria modernidade, além de expor o forte caráter universal da modernidade. Para Lemos o paradigma moderno está pautado em três bases: o Estado moderno; o mercado; e a cidade. Nesse contexto, afirma que: “O capitalismo como materialização da modernidade exigia um processo de transformação dos lugares em que penetrava, pois era o progresso que chegava” (LEMOS, 1999, p. 27). Ressaltando a cidade como uma das bases da modernidade.

A respeito da pós-modernidade Lemos refere-se como uma nova cultura, um novo tipo de vida social, que é chamada de sociedade pós-industrial e de consumo, na qual paira uma pluralidade de concepções e culturas, que estão cada vez mais ligadas às particularidades e especificidades da fragmentação espacial imposta pela dinâmica capitalista. Desse modo, a autora ressalta que “Do ponto de vista teórico, a denominada pós-modernidade nega o universalismo, a generalização que eram qualidades e procedimentos inerentes da modernidade” (LEMOS, 1999, p. 30).

Salvi (2000), relaciona em seu estudo “A Questão Pós-Moderna e a Geografia”, alguns pontos que tratam da crise das humanidades dentro da ciência geográfica no Brasil, e realiza uma análise da modernidade e da pós-modernidade. Expondo a modernidade como uma sociedade técnica e a ciência como universal. Considera a pós-modernidade como uma condição histórica que pode ser visualizada por diversas tendências. Tais como:

[...] a tendência para vê-la através da observação e estudo de estilos e movimentos culturais e artísticos [...] através de suas manifestações ideológicas [...] como um “ponto de fratura” ou “distanciamento”, que é o mesmo que afirmar que a pós-modernidade como um dado ainda indefinido, mas que identifica indícios de uma nova cultura, uma nova mentalidade, uma nova era, etc., onde se recolhem alguns elementos como a contracultura, fragmentação existencialismo de massas, perda de essência, desaparecimento de fronteiras, redescoberta do retórico, liberdade para combinar, etc. (SALVI, 2000, p. 96).

A autora trata da pós-modernidade como um movimento crítico da modernidade, de modo que possa “ser visto como mudança e ruptura ou na produção estética ou nas formas de vidas atuais”. Identifica-o como uma convergência de contradições, pois “o pós-moderno é anti-moderno, é eclético, mas se apresenta como um retorno à tradição, é anti-vanguarda por querer criar uma nova arte, mas é vanguardista na sua apresentação de tendências” (SALVI, 2000, p. 93).

Percebe-se que Salvi expõe o pós-modernismo como uma crise da cultura moderna, explora suas contradições, contingências, tensões e resistências externas. Além

disso, salienta que o pós-modernismo só rejeita o modernismo totalmente “na sua tendência de codificar-se num dogma estreito” (SALVI, 2000, p. 110).

É possível notar nas análises da autora as ligações com os pensamentos de Harvey (1992), pois enfatiza de maneira relevante a pós-modernidade sob uma ótica da cultura da sociedade de consumo e do cotidiano. Apresenta como pano de fundo das suas discussões a acumulação flexível do capital.

Posteriormente, a análise segue-se com Gomes em a “Geografia da Modernidade”. Nessa obra o autor debate a modernidade e a possível pós-modernidade como dois pólos epistemológicos que “se opõe, são concorrentes e simétricos, e formam um conjunto, um todo, por suas características definidas como diferenças, de um em relação ao outro” (GOMES, 1996, p. 29).

Segundo o autor:

[...] o primeiro pólo epistemológico é oriundo do pólo de ciência fundado no século das luzes. A idéia central nesta concepção é a universalidade da razão [...] O outro pólo epistemológico também nasceu no século das luzes, mas se opõe absolutamente à concepção racionalista (GOMES, 1996, p. 30-32).

Observa-se que o primeiro pólo possui como premissa o “progresso” pautado na razão, ou seja, o racionalismo vinculado à ciência constitui-se nas bases do “progresso” defendido pelos interesses do capital. Enquanto que o outro pólo entra em conflito com a racionalidade, voltando-se para o particular. De modo que “contra o universalismo do saber racionalista este outro pólo valoriza o que é particular, pois um fato só adquire significado no interior de um contexto singular” (GOMES, 1996, p. 32).

Percebe-se que os dois pólos epistemológicos expostos por Gomes apresentam algumas características do encontro e/ou conflito que se dá entre modernidade e pós-modernidade. Gomes (1996) também caracteriza a modernidade como: uma imposição do novo sobre o antigo, ou seja, como uma permanente substituição; uma tentativa de se alcançar à totalidade e, ressalta a presença de um caráter dual da modernidade, contrapondo razão e emoção. Em relação às pós-modernidade coloca que a mesma nega o universalismo e a generalização, questiona o poder hegemônico da ciência. É possível nessa colocação fazer uma alusão com Lemos (1999) que também coloca a ciência na pós-modernidade como prática social questionando o seu poder hegemônico.

Para finalizar a presente discussão sobre os diferentes enfoques sobre a questão pós-moderna volta-se as idéias apresentadas por Haesbaert (2002) na sua obra “Territórios Alternativos. Na obra citada encontra-se uma contraposição entre a modernidade e a pós-modernidade, tal confronto demonstra pontos que marcam as duas condições. A

modernidade cristalizava-se na sociedade industrial, essa constituída de sujeitos sociais diferenciados, os proletários e a burguesia. Enquanto que a sociedade pós-industrial pauta-se principalmente, no setor de serviços que se materializa na sociedade do consumo. Por conseguinte, a modernidade fomentava os movimentos partidários a partir da luta de classes. E na pós-modernidade ocorre a fragmentação dos interesses a partir do surgimento de vários movimentos como os culturais, ecológicos e territoriais.

Conforme o autor a modernidade é tida como o período da tecnocracia, da racionalidade e do “controle social”. Partindo do pressuposto que a modernidade é símbolo de controle e repressão enquanto que a pós-modernidade viria para libertar, devolver a vida, no sentido que a sociedade que vive na condição pós-moderna busca e se apega a experiência vivida e desejada em função do prazer. Contudo, sem negar a homogeneização cultural colocada em prática pela indústria cultural.

Salienta-se que esse autor entende o pós-moderno como uma continuação sem ruptura como defende Touraine “devemos interrogar a modernidade, não para rejeitá-la ou substituí-la pelo conceito pós-moderno” (TOURAINÉ, *apud* Haesbaert, 2002, p. 40). Assim, Haesbaert (2002) realiza sua análise em torno dessa temática vinculando-a com a geografia. Nesse sentido, ele coloca que as novas tecnologias de comunicação e transporte altamente eletizadas promovem, ao mesmo tempo uma anulação das distâncias e uma fragmentação e/ ou desconexão do território. Nesse ponto as idéias do autor aproximam de Soja (1993) e de Harvey (1992) que também ressaltam o aniquilamento das distâncias como um processo contraditório.

Observa-se que Haesbaert pauta a sua análise na dinâmica da acumulação flexível do capital. Nesse sentido, o autor se aproxima de Harvey quando realiza a análise a respeito do processo de fragmentação e coesão que reflete nos blocos econômicos.

Pode-se notar que a pós-modernidade apresenta conteúdos para serem tratados sob os mais diversos enfoques teóricos. Constituindo-se em um campo fecundo para o desenvolvimento da pesquisa sobre a temática, particularmente, para os geógrafos que visam apreender o movimento de reconstrução do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa que resultou nesta reflexão pode-se observar que as discussões realizadas a cerca da possível condição pós-moderna são travadas via diferentes enfoques. Contudo, os teóricos apresentam pontos em comum, particularmente,

no que se refere ao pressuposto inicial, a crise da modernidade fruto da profunda reestruturação do capitalismo.

Nesse contexto de contínuas mudanças compreender as transformações sócio-culturais, por conseguinte espaciais, constitui-se na força que tornea as discussões na busca de abarcar a realidade contemporânea. Essa busca torna-se importante resgatar os debates sobre a condição pós-moderna, pois, as transformações estão ocorrendo o que não permite fazer afirmações acabadas e fechadas, pelo contrario, tal como a flexibilidade e efemeridade que marcam essas transformações, cristalizadas em uma “paisagem irrequieta”, o pesquisador, principalmente, o geógrafo deve estar e ser flexível para análises diferenciadas como a pós-modernidade, para poder avançar na apreensão da reestruturação espacial.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry **As Origens da Pós-Modernidade**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia da Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HAESBAERT, Rogério **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LEMOS, Amália I. G. de Geografia da Modernidade e da Pós-Modernidade. **Geosp Espaço e Tempo**, Revista da Pós-Graduação em Geografia. São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 5, julho 1999.
- MOREIRA, Ruy Pós-Modernidade e o Mundo Globalizado do Trabalho. **Revista Paranaense de Geografia**, n. 2, p. 48–57, 1997.
- SALVI, Rosana Figueiredo A Questão Pós-Moderna e a Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 95-111, jul./dez., 2000.
- SALVI, Rosana Figueiredo A Questão Pós-Moderna: Apontamentos Sobre a Gênese de teorias Contemporâneas. Humanas. **Geografia**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 77-95, mar, 2000.
- SANTOS, Jair F. **O que é pós Modernismo**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SILVA, Carla H. Em foco a questão pós-moderna sob o olhar de geógrafos brasileiros. *In*: SEMANA DE GEOGRAFIA “Interfaces do território: Ambiente e Cidadania”, 19, Londrina. **Anais...**, Londrina. Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação da teoria social crítica**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TASCHNER, Gisela B. A pós-modernidade e a sociologia. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 6-9, jul./ago., 1999.